



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

JOYCE TAMYRES LIBERATO COSTA

**CYBERBULLYNG, A BOMBA RELÓGIO DO SÉCULO XXI: Como Os
Homossexuais Sofrem Nesse Meio Virtual**

CAMPINA GRANDE

2021

JOYCE TAMYRES LIBERATO COSTA

CYBERBULLYNG, A BOMBA RELÓGIO DO SÉCULO XXI: Como Os Homossexuais Sofrem Nesse Meio Virtual

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Sociologia.

Área de concentração: Sociologia Educacional

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Costa Andrade.

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837c Costa, Joyce Tamyres Liberato.
Cyberbullyng, a bomba relógio do século XXI [manuscrito] :
como os homossexuais sofrem nesse meio virtual / Joyce
Tamyres Liberato Costa. - 2021.
25 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Sebastião Costa Andrade ,
Departamento de Ciências Sociais - CEDUC."

1. Cyberbullying. 2. Bullying escolar. 3. Bullying
homofóbico. I. Título

21. ed. CDD 371.58

JOYCE TAMYRES LIBERATO COSTA

CYBERBULLYNG, A BOMBA RELÓGIO DO SÉCULO XXI: COMO OS
HOMOSSEXUAIS SOFREM NESSE MEIO VIRTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Sociologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Sociologia.

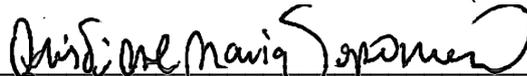
Área de concentração: Sociologia
Educativa

Aprovada em: 14/10/2021.

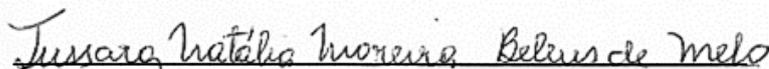
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. SEBASTIÃO COSTA ANDRADE (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Jussara Natália Moreira Belens de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Pai, Júnior (in memorian), que não está mais entre nós, mas continua sendo minha maior força na vida. Sua lembrança me inspira e me faz persistir.

*Só o conhecimento é capaz de vencer a
ignorância.*

Marianna Moreno

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Walkyria Santos posta foto em campanha para a Lei Lucas Santos. 16

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Publicações de estudos sobre cyberbullying nos últimos anos	21
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formas de bullying escolar relatadas em estudos estrangeiros	13
Quadro 2 – Trabalhos escolhidos conforme a data de publicação.....	19
Quadro 3 – Dados dos Trabalhos analisados	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	Objetivos.....	11
1.2	Justificativa	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1	O conceito do bullying escolar	12
2.2	Sociedade líquida e o bullying.....	13
2.3	As redes sociais e a sociedade líquida	14
2.4	O mundo digital a prática de cyberbullying	14
2.5	O bullying e o cyberbullying homofóbico	16
3	METODOLOGIA.....	18
4	RESULTADOS	18
5	DISCUSSÃO	20
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23

CYBERBULLYNG, A BOMBA RELÓGIO DO SÉCULO XXI: COMO OS HOMOSSEXUAIS SOFREM NESSE MEIO VIRTUAL

JOYCE TAMYRES LIBERATO COSTA

RESUMO

O bullying escolar é uma realidade vivenciada dentro das escolas e se caracteriza como sendo todo e qualquer comportamento cuja única finalidade é deixar o outro desconfortável, magoado ou humilhado. Essa realidade migrou pro meio digital com a popularização dos recursos digitais, tornando-se uma realidade preocupante do meio digital, uma vez que é possível acessar informações ainda mais pessoais dos indivíduos na rede. Essa realidade fica ainda mais complicada quando o cyberbullying ocorre com teor homofóbico. Isso ocorre quando a agressão realizada é contra a orientação sexual do indivíduo, uma vez que essa orientação é diferente do que é visto como “normal” socialmente. Assim, o presente artigo utilizou uma metodologia de revisão integrativa de literatura em cima do tema, escolhendo 4 estudos sobre o tema, 2 nacionais e 2 internacionais, na busca por identificar os impactos na vida dos homossexuais vítimas do bullying de teor homofóbico. Verificou-se os impactos psicológicos e no desenvolvimento social dos homossexuais vítimas desta modalidade de bullying, sendo proposto algumas políticas de educação como ferramenta de combate à prática.

Palavras-chave: Bullying; Cyberbullying; Homofobia.

CYBERBULLYING, THE TIME BOMB OF THE 21ST CENTURY: HOW GAYS SUFFER IN THIS VIRTUAL MEDIUM

JOYCE TAMYRES LIBERATO COSTA

ABSTRACT

School bullying is a reality experienced within schools and is characterized as any and all behavior whose sole purpose is to make the other uncomfortable, hurt or humiliated. This reality migrated to the digital environment with the popularization of digital resources, becoming a worrying reality in the digital environment, since it is possible to access even more personal information about individuals on the network. This reality is even more complicated when cyberbullying occurs with homophobic content. This occurs when the aggression performed is against the individual's sexual orientation, since this orientation is different from what is seen as “normal” socially. Thus, this article used an integrative literature review methodology on the topic, choosing 4 studies on the topic, 2 national and 2 international, in an attempt to identify the impacts on the lives of homosexual victims of bullying of homophobic content. The psychological impacts and social development of homosexual victims of this type of bullying were verified, and some education policies were proposed as a tool to combat the practice.

Keywords: Bullying; Cyberbullying; Homophobia.

1 INTRODUÇÃO

Grandes são os esforços sociais no campo da educação e do combate à violência escolar, a sociedade contemporânea ainda enfrenta um grande problema quanto ao bullying (CAETANO, et al., 2017). Estes problemas se dão, em boa parte, pelo advento da tecnologia, que mudaram a maneira como as pessoas vivenciam suas experiências sociais, trazendo consigo uma série de novas modalidades de violências escolares (ORTEGA, CALMAESTRA e MERCHÁN, 2008).

Entretanto, é preciso contextualizar o que seria a chamada violência escolar, para só então compreendermos como se dá o bullying e quais as suas implicações. Em prol disso, os pesquisadores definem a violência como sendo a agressão com intenção deliberada de causar mal ao outro, sendo essa intenção perceptível pelo autor, pela vítima ou até mesmo por algum observador externo (COSTA, 1986; ANDERSON E BUSHMAN, 2002).

Assim, é possível definir a violência escolar como o ato feito por alguém de forma deliberada com o intuito exclusivo de causar mal ao o outro, seja um mal físico ou psicológico dentro da esfera escolar (CAETANO, et al., 2017, SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

Com isso, podemos compreender que o bullying consiste na violência escolar direcionada de colega para colega. Violência essa que é, infelizmente, considerada comum nas escolas, conforme uma pesquisa sobre *Bullying* no ambiente escolar revela “participaram do estudo 5.168 alunos dos ensinos fundamental e médio, da rede pública e particular, e 70% da amostra afirmaram ter presenciado cenas de agressões entre colegas, enquanto que 30% deles declararam ter vivenciado ao menos uma situação de violência no mesmo período de ensino.” (BRASIL, 2010, apud SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

Dessa forma, com a presença constante do bullying no cenário escolar, é esperado que o mesmo atinja alguma esfera do meio digital, uma vez que há uma grande ampliação do círculo de pessoas alcançadas pelas chamadas redes sociais e a instantaneidade com que mensagens de voz e de texto, vídeos e fotos são trocadas e replicados nesse ambiente virtual no cotidiano de uma grande parcela da população brasileira. Com isso, o advento da tecnologia, e a consolidação do meio digital, principalmente entre os jovens, houve um rápido desenvolvimento do convívio social, fazendo com que a violência escolar extrapolasse os espaços físicos e temporais da escola, estendendo-se para fora do ambiente escolar, atingindo as redes sociais por meio dos aparelhos de comunicação digital, dando origem ao denominado cyberbullying (BELSEY, 2004, apud SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

Dessa forma, seguindo a definição de bullying e de violência, Belsey classificava o cyberbullying como sendo o uso da tecnologia de comunicação, como e-mails, celulares, redes sociais, etc., com o objetivo direto de difamar ou maltratar de forma deliberada um indivíduo ou grupo (BELSEY, 2004, apud SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

Assim, como o espaço virtual é ilimitado e a distribuição de conteúdo acontece com efeito cascata e com grande velocidade e alcance, as violências virtuais podem atingir um escalonamento muito grande e de forma muito rápida. O que significa que, ao contrário do bullying convencional, o cyberbullying tende a ser muito mais agressivo e danoso à vítima (SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

Parte disso se dá pela pseudossecurança e anonimato que as redes propiciam, de forma que é possível xingar, insultar, difamar, ameaçar e agredir o outro de um lugar “seguro” que é o anonimato. Dessa forma, é comum que pequenas “brincadeiras” escalonem para insultos e agressões graves, que podem causar danos

sérios a psique dos indivíduos, além de causarem mal estar e outros problemas de ordem psicológica (SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

Essa realidade acontece, conforme Shariff (2011, apud SCHREIBER e ANTUNES, 2015) explica que “se a internet nos trouxe a aproximação de pessoas, ela trouxe também a sensação de um espaço sem limites, onde tudo pode ser feito e dito, podendo causar prejuízos nas relações sociais.”

Assim, os usuários acabam escalonando e aumentando consideravelmente o comportamento virtual, sem se preocupar com o outro, uma vez que não o reconhecem realmente como ser humano, com dores e sofrimentos, já que o mesmo refletiria apenas uma figura digital, um “avatar”, em tese, desconectado do mundo físico, de forma que não poderia ser afetado pelos ataques que sofre no mundo virtual. É como se, para os usuários, não houvesse dano causado a vítima do bullying virtual (SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

Este cenário ganha todo um agravante quando há ainda uma outra matriz vertente para o bullying, como fatores como racismo, gordofobia, homofobia, etc. Desse modo, é preciso estudar de forma separada o cyberbullying em função dos fatores que podem agravá-lo ou dar uma identidade diferente ao mesmo. Em prol disso, o presente trabalho busca esclarecer sobre a realidade do cyberbullying homofóbico e as implicações e danos que este tipo de bullying causa aos homossexuais.

1.1 Objetivos

O objetivo deste trabalho se motiva na necessidade de discutir sobre o impacto do cyberbullying no meio homossexual que utiliza das redes virtuais e em como os homossexuais sofrem estes impactos. Buscando explicar e exemplificar os impactos desta realidade nos homossexuais e que este tipo de violência pode causar.

Dentro dos objetivos deste trabalho, também se fazem presentes a busca por identificar os principais tipos de cyberbullying homofóbico, buscando identificar possibilidades de intervenções, principalmente no público juvenil.

1.2 Justificativa

O presente trabalho se justifica na necessidade de compreender os efeitos causados pelo cyberbullying homofóbico e identificar os problemas causados nos homossexuais vítimas deste tipo de violência, bem como bolar possíveis estratégias para atuar nesta realidade, buscando reduzir a prática de cyberbullying homofóbico e melhorar o ambiente virtual para os homossexuais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O bullying, palavra originária do inglês, cuja não há tradução para o português, sendo incorporada pela língua na sua forma de escrita e pronuncia americana; vem do conceito que reporta o conjunto de comportamentos agressivos, antissociais e cujo o intuito é maltratar, oprimir e humilhar outra pessoa (PEREIRA, VARELA e SILVEIRA, 2016).

Desse modo, como visto anteriormente, o bullying consiste diretamente no comportamento com intuito exclusivo de denegrir ou humilhar alguém. Entretanto,

como se dá o bullying no contexto escolar, como surgiu a caracterização do bullying e como podemos identifica-lo no contexto digital?

2.1 O conceito do bullying escolar

Dentro do contexto escolar, o Bullying, que se originou das "brincadeiras de mau gosto", pode ser definido como sendo:

um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-o a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas manifestações do comportamento bullying. (FANTE, 2005, p.28-29)

Assim, dentro do contexto escolar, o bullying pode ser praticado individualmente, de um aluno para outro, ou em grupo, seja de um grupo contra outro grupo ou contra um aluno apenas. Desse modo, dentro do ambiente escolar o bullying aparece de três formas diferentes, a indireta, a direta e a psicológica (SILVA e BORGES, 2018).

As agressões de forma direta são caracterizadas como agressões que ocorrem de forma física direta, sendo visíveis através dos roubos de pertences, agressões físicas como chutes, murros, tapas, puxões de cabelo, empurrões, etc (SILVA e BORGES, 2018). Além de ações como danos aos uniformes, materiais escolares, extorsão de valores, entre outras. Tais comportamentos podem ocorrer dentro da escola, nos corredores, pátios, quadras e até dentro das salas de aula; no entorno da escola, nas ruas próximas, nos acessos à escola; ou até na comunidade e vizinhança da vítima, com alguns casos onde há ataques até na casa da mesma (ASSIS, 2010).

Já a forma indireta ocorre quando há agressões verbais, que podem ser de forma direta, com xingamentos, humilhações, etc. Ou de forma indireta, com apelidos pejorativos, gozações, brincadeiras maldosas, exclusão do convívio social escolar, etc (SILVA e BORGES, 2018). Neste aspecto, estas agressões podem parecer menos severas pois não há danos físicos a vítima, porém, há uma grande quantidade de danos psicológicos envolvidos nestas agressões. Estes danos são responsáveis pela terceira forma de Bullying, a forma psicológica.

Esta forma de agressão consiste, nos efeitos e na pressão psicológica que as duas formas anteriores de bullying originam na vítima. Causando danos ao fator psicológico, provocando sensações de ansiedade e pânico que podem acompanhar a vítima por anos. O que leva a resultados devastadores, como isolamento, depressão, ansiedade, síndrome de pânico e, em casos mais extremos, ao suicídio (SILVA e BORGES, 2018).

Com isso, é possível ver que o bullying se manifesta de forma diferente dentro do contexto escolar, uma vez que a prática depende do controle da escola sobre os alunos, da região e da participação da comunidade na relação escolar (SILVA e BORGES, 2018).

Mas, mesmo com este contexto, o bullying é sempre repetitivo, ocorrendo em várias ocasiões e estabelecendo sempre uma relação interpessoal de assimetria, dessa forma, é possível definir que há sempre situações na qual a sociedade e a escola podem intervir, porém muitas vezes não há intervenção escolar. Permitindo que haja uma certa cultura de bullying que, em alguns casos, pode até ser incentivado por alguns professores (ASSIS, 2010).

Quadro 1 – Formas de bullying escolar relatadas em estudos estrangeiros

Bater, empurrar, dar murros ou pontapés	Intimidar
Roubar objetos	Quebrar ou estragar objetos
Amedrontar	Esconder objetos
Xingar de 'nomes feios'/ dizer palavrões	Ameaçar com armas
Falar mal do colega ou de aspectos do seu corpo ou de sua cor de pele	Colocar apelidos
Não falar com (ignorar) o colega	Dizer coisas falsas
Insultar	Ameaçar pegar ou contar algo
Rejeitar	Gritar, berrar
Ridicularizar, caçoar, zombar	Levantar falsos rumores
Impedir de participar de jogos ou atividades	Aproximar-se de alguém por vingança
Extorquir dinheiro, com ameaças	Mandar cartas anônimas,
Obrigar, com ameaças, a participar de situações de caráter sexual	Criticar roupas
	Chatear
	Fazer críticas raciais
	Excluir

Fonte: Assis, 2010.

Essa realidade de não intervenção por parte da sociedade e da escola fica ainda mais grave quando falamos de cyberbullying, ou o bullying digital. Essa realidade é preocupante, principalmente tendo em vista que 70% dos alunos brasileiros relataram ter visto alguma cena de agressão entre colegas no espaço escolar e cerca de 30% relataram ter sido vítimas de alguma situação de violência ou agressões (BRASIL, 2010 apud SCHREIBER e ANTUNES, 2015), isso se agrava ainda mais quando vamos pro ambiente virtual, visto que não há controle direto sobre o espaço virtual, gerando um ambiente que permite a proteção dos usuários pelo anonimato, o que incrementa e incentiva a prática de bullying virtual, já que os agressores podem estar completamente protegidos pelo anonimato durante os ataques (SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

Assim, o contexto do cyberbullying é muito perigoso, pois permite aos agressores uma sensação de imunidade e segurança que, muitas vezes, atua incentivando a prática e aumentando os danos causados as vítimas (SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

2.2 Sociedade líquida e o bullying

Este fenômeno do cyberbullying muito está associado ao crescimento massivo das redes sociais que, por sua vez, trazem à tona o crescente pensamento das relações líquidas que é definido pelo conceito de sociedade líquida de Bauman (FERREIRA e DESLANTES, 2018).

Este conceito vem da forma como a sociedade encara as relações como algo fluído e não sólido, de modo que as relações interpessoais se tornam fugazes e facilmente quebradas ou desfeitas, isso casa com o conceito de impessoalidade apresentado na prática do Cyberbullying, onde as vítimas não são vistas como pessoas reais e sim como apenas um “avatar” sem sentimentos (SCHREIBER e ANTUNES, 2015; FERREIRA e DESLANTES, 2018).

Dessa forma, as relações humanas, que já vinham se tornando superficiais, se tornam completamente impessoais, ignorando o pensamento e a sensibilidade do outro, não possuindo a empatia de sentir as dores e receios do outro. E isso é incorporado dentro do pensamento de Bauman, que afirma que as relações individuais não formam laços sólidos e não são duradouras, uma vez que "vivemos tempos líquidos. Nada é para durar." (BAUMAN, 2001).

Neste contexto, o bullying se sustenta na impessoalidade, na relação de dominância e na crecha de que o outro não se importa ou não tem sentimentos, ou ainda de que a dor dele é irrelevante, evidenciando a falta de preocupação e cuidado com o outro, uma característica desenvolvida nas relações líquidas de Bauman (BAUMAN, 2001).

2.3 As redes sociais e a sociedade líquida

Como visto, a liquidez das relações pessoais é um fator que auxilia no desenvolvimento do bullying, de forma que desencadeia uma série de problemas no desenvolvimento das relações interpessoais. Entretanto, esta liquidez na sociedade se agravou de forma significativa com o advento da internet e das redes sociais (PORFÍRIO, 2020).

Bauman define estas relações com o termo "conexão", nomeando as relações modernas líquidas que buscam a quantidade ao invés da qualidade, gerando assim uma infinidade de relações superficiais, que são desligadas a qualquer momento. Este contexto é aplicável a qualquer relacionamento, como amizades e relacionamentos amorosos, que podem ser desfeitos a qualquer momento (BAUMAN, 2001).

Este tipo de relação se intensificou com o chamado amor líquido, proveniente das redes sociais e da relação pseudoamorosa da modernidade líquida, que nada se preocupa em construir uma relação sólida, com uma companhia afetiva e amorosa, desenvolvendo-se de forma firme e segura. Desse modo, as relações atuais dentro das redes digitais buscam o prazer a qualquer custo, buscando sempre o que lhe faz bem, sem se preocupar com as verdadeiras ligações (LINS, 2016; PORFÍRIO, 2020).

Isso gera, dentro das redes sociais, o conceito do desejo pelo sucesso, refletido através de ações que demonstram popularidade nas redes, quer sejam os likes e os seguidores do Instagram ou os seguidores do Twitter. E, dessa forma, as pessoas passam cada vez mais a buscar esta conquista, esta forma de aprovação e de popularidade social. Passando, em prol disso, a agir de forma a garantir este tipo de prazer (OLIVEIRA, 2012; LINS, 2016; PORFÍRIO, 2020).

Em prol disso, muitos comportamentos e "brincadeiras" são feitas na rede social, pois, para determinado público, podem ser engraçadas e render alguns likes para quem as efetua. Sendo alguma forma de render "prazer" para elas. Por isso que muitos comportamentos agressivos e de violência ocorrem dentro do meio digital. De forma que para alguns públicos, é até "engraçado" ver determinado conteúdo e isso gera uma "recompensa" para quem o pratica (LINS, 2016; FERREIRA e DESLANDES, 2018; PORFÍRIO, 2020).

Com base neste pensamento, podemos começar a entender o contexto do cyberbullying e por que ele tem tanto espaço e crescimento dentro da sociedade.

2.4 O mundo digital a prática de cyberbullying

Como visto, o mundo digital, apesar de unir as pessoas e reduzir a distância físicas entre elas, permitindo diálogos e relações a quilômetros de distância; o virtual

também trouxe uma série de problemas e de situações cuja a sociedade não estava preparada para lidar (SOUZA e CUNHA, 2019).

Isso é visto na obra de Silva e Silva (2017, apud SOUZA e CUNHA, 2019), que afirmam que o uso diário de internet pode causar conflitos familiares, falta de diálogo, relações superficiais, dificuldades de aprendizagem, transtornos de ansiedade, déficit de atenção, etc.

Neste contexto, fica evidente que não há preparo psicológico para o uso da internet, mas como isso se relaciona com a prática do bullying virtual? Isso acontece, pois o espaço virtual introduziu e incentivou o conceito de espaço sem limites, no qual era possível realizar qualquer ação, sem um limite ou sem uma consequência real (SCHREIBER e ANTUNES, 2015).

Este comportamento incentivou a prática de diversas ações e comportamentos que as pessoas não teriam num ambiente convencional, com limites estabelecidos, quer seja por medo do constrangimento social, quer seja pela própria repressão social que estes ambientes geram (SCHREIBER e ANTUNES, 2015; SOUZA e CUNHA, 2019).

Assim, se há bullying dentro do ambiente escolar, onde há, em certo níveis, uma imposição de certos comportamentos e posturas necessárias para os alunos, no ambiente virtual, onde há um pensamento de que não há limites e todas as ações são toleráveis ou permitidas (SCHREIBER e ANTUNES, 2015; SOUZA e CUNHA, 2019).

Este pensamento é incorporado na ideia de Wendt e Lisboa (2013), que afirmam que “os agressores virtuais têm uma percepção singular de controle e apresentam crenças de imunidade em relação a sanções de seus atos”. Isso agrava a sensação de poder dos agressores, que passam a ter acesso a uma vida particular da vítima, uma vez que as redes sociais permitem que as pessoas compartilhem informações pessoais, interesses, almejos, desejos, etc (WENDT e LISBOA, 2013).

Neste contexto, a prática do bullying pode atingir esferas diferentes que não seria possível alcançar em um ambiente restrito como a escola. Por isso que o cyberbullying atinge um contexto tão perigoso, pois a intimidade das informações expostas torna a vítima mais vulnerável ao bullying cometido no espaço virtual (WENDT e LISBOA, 2013).

Essa exposição e vulnerabilidade traz consequências graves a vítima do bullying no espaço virtual, como o caso do adolescente Lucas Santos, filho da cantora Walkíria Santos, que cometeu suicídio após ser vítima de cyberbullying nas redes digitais, em decorrência de um vídeo onde fazia uma brincadeira com seu amigo (Globo, 2021).

Neste contexto, há uma particularidade ao caso do cyberbullying sofrido pelo filho da cantora, as conotações de cunho homofóbico. Assim, a uma divergência do bullying tradicional como demonstrado nas situações ilustradas no Quadro 1. Com isso, é possível identificar toda a problemática que há por trás do cyberbullying homofóbico e como este cenário representa um perigo para a comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros (transexuais e travestis), Queer, Intersexo, Assexuais e mais (LGBTQUIA+).

Figura 1 – Walkyria Santos posta foto em campanha para a Lei Lucas Santos.



Fonte: Globo.com, 2021.

2.5 O bullying e o cyberbullying homofóbico

O Bullying e o Cyberbullying, como visto anteriormente, se caracterizam como os comportamentos cujo o único intuito é de atormentar e causar danos, sejam físicos, morais ou psicológicos, a vítima. Dessa forma, o bullying ou cyberbullying homofóbico pode ser caracterizado como a prática de inferiorização apenas com base na sexualidade do indivíduo, cujo o único intuito é denegrir, atormentar ou causar danos a vítima (MAGALHÃES, 2017).

Esse tipo de bullying ocorre com base numa diferente origem, conforme:

A discriminação da qual lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais são alvo assume a forma de violência simbólica (relacionada à linguagem), sendo que estes/as sujeitos/as são considerados/as como seres desviantes e colocados/as numa posição de inferioridade, por não se apresentarem em conformidade com a heteronormatividade e/ou das normas de gênero socialmente estabelecidas e culturalmente predominantes (MAGALHÃES, 2017, p. 7).

Neste contexto, o bullying toma uma conotação diferente, uma vez que foge do tradicional já visto e busca ferir o indivíduo com base na sua sexualidade, tida como diferente do correto ou padrão aceito pela sociedade. Esta prática geralmente é realizada por indivíduos que fazem parte do padrão aceito pela sociedade, conforme explica Borillo (2001, apud MAGALHÃES, 2017) “é possível reconhecer uma ligação estreita entre a homofobia e o heterossexismo, enquanto crença numa hierarquização das sexualidades que coloca a heterossexualidade num patamar superior a todas as outras”. Com isso, os indivíduos heterossexuais, cuja a sexualidade estaria dentro do padrão aceito socialmente, se veem como superiores aos que não fazem parte deste padrão e pressupõe um direito de agredi-los por esse “comportamento diferente do padrão” (MAGALHÃES, 2017).

Com isso, o processo de hostilidade perante pessoas identificadas como homossexuais constrói e fiscaliza o conceito de masculinidade heterossexual, o que reforça as versões aceitáveis de masculinidade e feminilidade, o que faz com o que a homofobia se caracterize como um ódio generalizado não só apenas às pessoas homossexuais, mas também a todos que possam ser percebidas ou consideradas com uma sexualidade diferente do aceitável (MAGALHÃES, 2017).

Isso fica evidente com o caso Lucas Santos, como comentado anteriormente, no qual o adolescente postou um vídeo com uma brincadeira que foi interpretada como uma prática homossexual e o colocou como alvo do cyberbullying homofóbico.

Dessa forma, há um fator interessante sobre o cyberbullying e o bullying de teor homofóbico, que é que, muitas vezes a agressão não está ligada a prática homossexual em si, mas sim a aparência pública que os indivíduos tenham, de forma que, se um indivíduo diverge do conceito padrão de masculinidade e feminilidade, este se torna alvo da prática homofóbica, mesmo que não se encaixe nesta sexualidade (MAGALHÃES, 2017; BARROS, 2018).

Neste aspecto, o cyberbullying homofóbico está mais ligado a aparência que as vítimas transmitem na rede digital, do que a prática sexual das mesmas. O que gera uma outra preocupação, que é sobre a percepção sobre a sexualidade dos outros e como este fator desenrola uma série de preconceitos estabelecidos conforme a minha formação psicossocial (SOUSA et al, 2018).

Dessa forma, é comum que, com base na formação psicossocial dos indivíduos, os mesmos reajam de forma diferente a sexualidade do outro, demandando ou não que o outro se encaixe nos padrões sociais estabelecidos e aceitando ou não a diferente opção de escolha do mesmo.

Assim, se faz importante o estudo deste comportamento, pois seus danos as vítimas podem atingir uma esfera perigosa, conforme Magalhães (2004, apud SOUZA et al, 2018) explica:

enquanto a violência física deixa marcas visíveis pelo corpo, hematomas, cicatrizes, sangramentos, deformações nos ossos ou problemas neurológicos; as agressões psicológicas deixam marcas comportamentais difíceis de serem diagnosticadas. Mesmo quando existe a mudança de comportamento aparente – por meio de estados depressivos, apatia ou agressividade – as causas desses transtornos são, muitas vezes, confundidas, pois a maioria dos alunos e alunas sofre em silêncio.

Por isso que o debate a respeito do bullying e do cyberbullying homofóbico é tão importante dentro do cenário atual, que está cada vez mais digital e conectado, em especial com o aumento da conexão com o virtual e com as redes sociais causadas como efeito do isolamento social imposto pela pandemia (MALAVÉ, 2020).

3 METODOLOGIA

A metodologia aplicada no presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica de literatura, com o intuito de levantar dados sobre o cyberbullying homofóbico, suas causas, efeitos e possíveis formas de atuação com intuito de melhorar o ambiente virtual para os homossexuais.

Assim, o presente trabalho se utilizou da revisão bibliográfica integrativa, que é uma técnica criteriosa, que tem como principal finalidade a identificação do conhecimento produzido e referente a determinado tema, fornecendo informações fundamentais e suficientes sobre o tema pesquisado, além de direcionar para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica, o que resulta em contribuições significativas para a ciência e para o tema em questão (ERCOLE, MELO e ALCOFORADO, 2014).

Para a realização deste trabalho, baseando na metodologia da revisão bibliográfica integrativa, foram seguidas seis etapas, conforme Sousa, Silva e Carvalho (2010), que foram: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos dados incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

Assim, a pergunta norteadora elaborada foi: Quais os impactos sociais e psicológicos que incidem sobre os homossexuais que sofrem cyberbullying homofóbico e quais as possíveis formas de lidar com estes efeitos, bem como reduzir as práticas de bullying digital.

Um fator que dificultou o desenvolvimento deste trabalho foi a falta de literatura específica sobre o tema principalmente no aspecto nacional, tendo em vista que os principais artigos e trabalhos encontrados são situados em outros países, principalmente da Europa.

Em vista disto, o presente trabalho analisou artigos que estivessem dentro do seguinte escopo: alunos com idade entre 13 e 17 anos, abrangendo o ensino fundamental 2 e ensino médio; homens e mulheres, com orientação sexual diferente do conceito heteronormativo imposto socialmente.

Os estudos selecionados foram analisados de forma a identificar a abordagem utilizada, os critérios de pesquisa, o grupo de estudo, o tipo de estudo utilizado, quais resultados encontrados e ainda mensurar possíveis medidas de atuação de combate às práticas de cyberbullying homofóbico.

Para a seleção das produções a serem analisadas, foram utilizados critérios de inclusão e de exclusão. Os critérios de inclusão, foram: artigos, dissertações, monografias e periódicos no recorte temporal de 10 anos, em português e inglês a partir do uso dos seguintes descritores: “cyberbullying homofóbico”, “bullying virtual homofóbico”, “homofobia virtual”. Foram excluídos: Artigos duplicados, artigos incompletos e artigos de pesquisa de revisão.

Na busca pelos descritores, surgiram 20 publicações e foi dado início à filtragem. Após a filtragem, foram excluídas 16 publicações, sendo selecionados apenas 4 trabalhos para a análise, conforme os resultados a seguir.

4 RESULTADOS

Os quatro trabalhos escolhidos traziam abordagens bem diferentes, sendo realizados em localidades diferentes, com estudantes de diferentes realidades, idades e formações, sendo os trabalhos escolhidos definidos conforme o Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Trabalhos escolhidos conforme a data de publicação

N	TÍTULO DO TRABALHO	AUTORES	NAÇÃO	DATA DE PUBLICAÇÃO
1	BULLYING: uma das faces do preconceito homofóbico entre jovens no contexto escolar	SOUZA, J. M.	Brasil	2013
2	BULLYING HOMOFÓBICO E EDUCAÇÃO: possibilidades de superação de um preconceito	SILVA, T. N.	Brasil	2017
3	BULLYING HOMOFÓBICO EM CONTEXTO ESCOLAR	QUEIRÓS, A. S. S.	Portugal	2018
4	Bullying and cyberbullying in LGBT adolescents: Prevalence and effects on mental health	GARAIGORD OBIL, M.; LARRAIN, E.	Espanha	2019

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Os trabalhos abrangiam 3 nacionalidades diferentes, sendo realizados no Brasil, em Portugal e no País de Basco (Espanha). Envolvendo assim alunos de realidades completamente diferentes. Por se tratarem de realidades tão distintas nos públicos analisados nos trabalhos escolhidos, há uma divisão conforme as amostras e os grupos de estudo, seguindo o Quadro 3 abaixo.

Quadro 3 – Dados dos Trabalhos analisados

Nº	OBJETIVO	AMOSTRA	FAIXA ETÁRIA	RESULTADOS
1	Analisar o bullying cometido por jovens das escolas públicas de Aracaju - SE e sua relação de manifestação de comportamentos homofóbicos.	808 jovens, sendo 57% do sexo feminino, 52% pardos e 93% participantes de alguma religião. Sendo estudantes de 9 escolas diferentes.	14,9 ± 1,98 anos.	Entre os participantes da pesquisa, 32% se definiu como alvos de bullying, 12% como autores, 22% como alvos e autores ao mesmo tempo, e 34% apenas como testemunhas. Dos casos de bullying a homofobia foi descrita como sendo responsável por 9% dos casos, atingindo 11 vezes mais os meninos do que as meninas.
2	Estudar a ocorrência do fenômeno bullying na comunidade escolar, analisando de que forma esta promove ações de prevenção e combate diante desta realidade,	8 alunos(as) da rede pública, estudantes da mesma escola de ensino fundamental II.	Não divulgada.	Foi-se identificado um padrão semelhante ao da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, onde cerca de 60% dos alunos entrevistados relataram sofrer ou presenciar algum tipo de bullying de característica homofóbica.

	com ênfase ao bullying homofóbico.			Entretanto, o próprio autor ressalta a necessidade de mais pesquisas sobre o tema para gerar resultados mais concretos e abrangentes.
3	Entender a caracterização das práticas do bullying homofóbico a partir do discurso e de práticas de jovens estudantes Portugueses/as e determinar os impactos na saúde das vítimas gays e lésbicas.	142 alunos, sendo 76 do sexo feminino e 66 do sexo masculino, frequentadores de uma mesma instituição escolar.	13,03 ± 1,293 anos.	Foi-se identificado a permanência de algumas crenças conservadoras sobre gays e lésbicas, sendo demonstrada uma menor tolerância oriunda dos homens, representando um percentual de 37,5% que apresentam algum tipo de preconceito as relações homossexuais, contra 10,5% das mulheres. Além disto, a pesquisa ainda relevou que há um grande preconceito contra a adoção de crianças por casais homossexuais e sobre o casamento gay, 20,8% e 10,4% respectivamente.
4	Analisar as possíveis diferenças entre a porcentagem de vítimas e agressores de bullying e cyberbullying conforme a sua orientação sexual e comparar a qualidade da saúde mental de adolescentes heterossexuais com adolescentes não heterossexuais.	1.748 adolescentes participaram do estudo, sendo 52,6% do sexo feminino e 47,4% do sexo masculino.	Entre 13 e 17 anos.	Foi identificado que a porcentagem das vítimas é predominantemente não heterossexual, apesar da quantidade de agressores ser similar; as vítimas de bullying e cyberbullying não heterossexuais sofrem com violências mais agressivas que as heterossexuais; exibindo significativamente mais quadros de depressão, ansiedade social e outros sintomas psicológicos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

5 DISCUSSÃO

Conforme identificado nos trabalhos analisados, há uma incidência considerável de bullying e cyberbullying contra os homossexuais, sendo uma prática realizada de forma predominante masculina, sendo estes 4 a 5 vezes mais identificados como agressores do que a parcela feminina.

Entretanto, os dados encontrados coincidem percentualmente com os dados dos obtidos pela pesquisa da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABLGBT), que informa que cerca de 27% dos estudantes brasileiros auto identificados como homossexuais já sofreram agressões físicas de alguma ordem em função da sua orientação Sexual (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2016).

Esses dados aumentam significativamente em função das agressões de cunho verbal ou indiretas, como isolamento, etc.; passando dos 70% nestes casos (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2016).

Com isso, é possível compreender que, apesar de metade dos estudos analisados serem realizados em outros países, diferentes do Brasil, há uma realidade compartilhada sobre a prática de cyberbullying homofóbico contra adolescentes homossexuais. Cyberbullying que ocorre através de mensagens, chats privados em redes sociais, comentários públicos em postagens nas redes sociais, etc (MAGALHÃES, 2017).

Também foi possível identificar os principais impactos nas vítimas do cyberbullying homofóbico, entre eles foi possível identificar um aumento significativo de casos de ansiedade, depressão, síndrome de pânico, ansiedade social, entre outros fatores de origem psicológica (QUEIRÓS, 2018; GARAIGORDOBIL e LARRAIN, 2019).

Além disto, Magalhães (2017) explica que as vítimas do cyberbullying de teor homofóbico demonstraram 3 vezes mais problemas e impactos na sua vida, principalmente nas esferas social e psicológica; sofrendo com alguns dos problemas apresentados por outros pesquisadores.

Há ainda uma série de outros problemas que podem ser desenvolvidos por práticas de cyberbullying de teor homofóbico, como baixa autoestima, comportamentos autodepreciativos, comportamento de auto mutilações, etc (QUEIRÓS, 2018). Por isso que é tão importante que existam pesquisas sobre a realidade dos homossexuais que sofrem com a prática do cyberbullying.

Entretanto, os estudos sobre cyberbullying são, em geral, poucos, conforme ilustrado na Tabela 1, desenvolvida por Ferreira e Deslantes (2018). Entretanto, este número é ainda mais reduzido quando levado sobre o cyberbullying homofóbico. Isto faz necessário que haja, de forma urgente, uma pesquisa abrangente sobre o tema, para demonstrar a realidade vivenciada pelos homossexuais frente ao cyberbullying homofóbico.

Tabela 1 – Publicações de estudos sobre cyberbullying nos últimos anos

Publicações	2016	2015	2014	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Número de publicações	8	21	12	11	7	6	1	2	1	2	1
Nacionalidade do estudo	EUA, Reino Unido, Austrália, Portugal, Bélgica, Espanha e Grécia	EUA, Singapura, Grécia, Itália, Brasil, China, Canadá, França, Austrália, Reino Unido e Espanha	França, EUA, Itália, Turquia e Reino Unido	EUA, Canadá e Brasil	Suécia, Alemanha, Suíça, Reino Unido, EUA e Colômbia	EUA, Espanha, México, Austrália	EUA	Austrália	EUA	EUA	Canadá
Idioma	Inglês (7) e Espanhol (1)	Inglês (18), Português (2) e Francês (1)	Francês (1), Inglês (10) e Português (1)	Inglês (10) e Português (1)	Inglês (6), Espanhol (1)	Inglês (2) e Espanhol (2)	Inglês (1)	Inglês (2)	Inglês (1)	Inglês (2)	Inglês (1)

Fonte: FERREIRA e DESLANTES, 2018.

Toda via, com base no conteúdo estudado no decorrer deste trabalho e nos processos defendidos pelos pesquisadores, é possível identificar alguns aspectos importantes que podem auxiliar no combate destas práticas de cyberbullying, em especial destaca-se as práticas de ações de ensino e educação sobre os efeitos negativos desta violência, bem como educação sobre sexualidade e sobre a importância da aceitação e do respeito ao diferente, incluindo todas as esferas de sexualidade como normais e corretas socialmente (SOUZA, 2013; PEREIRA, VARELA e SILVEIRA, 2016; BARROS, 2018; QUEIRÓS, 2018; GARAIGORDOBIL e LARRAIN, 2019).

Aliado as políticas de educação e conscientização, é preciso que haja também uma fiscalização sobre a prática por parte das redes sociais digitais, de forma que estas atuam regulando e coibindo práticas de cunho homofóbico (QUEIRÓS, 2018; GARAIGORDOBIL e LARRAIN, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto no decorrer deste trabalho, o bullying é um comportamento nocivo, cujo o único intuito é denegrir e maltratar a vítima, neste aspecto, as redes sociais e o meio digital propiciaram uma nova forma de violência, o cyberbullying, que passa a ser mais nocivo que o Bullying comum, tendo em vista que o mesmo permite a prática de atividades nocivas, enquanto transmite uma sensação de anonimato e segurança para os agressores.

Neste aspecto, os trabalhos analisados demonstraram que há um percentual considerável de estudantes que sofrem com este tipo de violência; sofrendo com efeitos psicológicos como ansiedade, depressão, síndrome de pânico e, em casos severos, chegando ao suicídio (QUEIRÓS, 2018; SILVA e BORGES, 2018). Esta realidade faz necessário um maior trato com o tema, demandando mais pesquisas e estudos sobre o cyberbullying homofóbico, buscando apresentar mais formas de coibir esta prática e conscientizar os autores da violência sobre os terríveis impactos da mesma.

Assim, é possível identificar a demanda urgente sobre mais pesquisas a respeito do tema, bem como mais políticas públicas de educação e conscientização sobre os danos trazidos por essa prática e como se faz necessário que haja respeito as diferentes orientações sexuais. Além disto, também é preciso que as redes sociais atuem de forma mais incisiva no bloqueio a violência, impedindo que ações de violência sejam disseminadas nas redes, garantindo o espaço saudável e diminuindo significativamente a violência no espaço virtual.

Dessa forma, o presente estudo se mostrou extremamente relevante pois demonstra os impactos do cyberbullying de teor homofóbico, propondo algumas ações para mitigar os impactos desta prática e melhorar o ambiente virtual, além de educar os jovens e adolescentes sobre o impacto negativo que este processo pode ter nos demais. O presente trabalho também identificou o problema existente na pouca literatura e nos poucos estudos sobre o tema, demonstrando uma necessidade de mais estudos e pesquisas sobre o tema e seus efeitos.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C.; BUSHMAN, B. **Human aggression**. Annual Review of Psychology, v. 53, p. 27-51, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228079531_Human_Aggression. Acesso em 10 de set de 2021.
- ASSIS, S. G. de. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ. 270 p. 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf#page=96>. Acesso em 19 de set de 2021.
- BARROS, E. A. **BULLYING HOMOFÓBICO E ATUAÇÃO DA ESCOLA: REFLEXÕES TRANSDISCIPLINARES**. UFRPE. FUNDAJ. PPG-ECI. Recife. 2018.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Ed. Zahar. abr, 2001. 258p.
- CAETANO, A. P. et al. **CYBERBULLYING: MOTIVOS DA AGRESSÃO NA PERSPECTIVA DE JOVENS PORTUGUESES**. Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 141, p.1017-1034. out-dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/nDWSW7ZBR3WpGxPhV6drFVC/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 de set de 2021.
- COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal. 4a. ed. 2021. 248p.
- ERCOLE, F. F.; MELO, L. S.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão Integrativa versus Revisão Sistemática. **Rev. Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 18 n. 1, p. 9-11, 2014.
- FANTE, C. **O fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas**. 2. Ed, Campinas: Verus, 2005. Disponível em: https://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/313131/mod_forum/attachment/544978/Fen%C3%B4meno%20Bullying%20-%20educar%20para%20a%20paz%20-%20CI%C3%A9o%20Fante.pdf. Acesso em 15 de set de 2021.
- FERREIRA, T. R. S. C.; DESLANDES, S. F. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, p. 3369-3379. 2018. Disponível em: <https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/cyberbullying-conceituacoes-dinamicas-personagens-e-implicacoes-a-saude/16827?id=16827>. Acesso em 14 de set de 2021.
- GARAIGORDOBIL, M.; LARRAIN, E. **Bullying and cyberbullying in LGBT adolescents: Prevalence and effects on mental health**. Comunicar. n. 62. v. XXVII. p. 77-87. 2019. Disponível em: <https://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=62&articulo=62-2020-07&idioma=en>. Acesso em 22 de set de 2021.
- Globo.com**. Projeto de Lei Lucas Santos contra cyberbullying é aprovado pela Câmara Municipal de Natal. Portal Globo. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/08/12/projeto-de-lei-lucas-santos-contra-cyberbullying-e-aprovado-pela-camara-municipal-de-natal.ghtml>. Acesso em 23 de set de 2021.
- LINS, M. A fluidez do mundo líquido de Zygmunt Bauman. **Rev. Milênio**. Ed. Globo. Abr. 2016. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/a-fluidez-do-mundo-liquido-de-zygmunt-bauman>. Acesso em 23 de set de 2021.
- MAGALHÃES, M. M. M. B. **Cyberbullying e comunicação homofóbica na infância e na adolescência: Um estudo exploratório**. Universidade Porto. Lisboa, Portugal. 2017. 58 p. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/108469/2/226881.pdf>. Acesso em 13 de set de 2021.
- MALAVÉ, M. **O papel das redes sociais durante a pandemia**. IFF. Fundação Fiocruz. Mai. 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais>. Acesso em 19 de set de 2021.
- OLIVEIRA, L. P. **ZYGMUNT BAUMAN: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida**. Sem Aspas, Araraquara, v. 1, n. 1 p. 25-36, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/download/6970/4996/17543>. Acesso em 23 de set de 2021.

ORTEGA, R.; CALMAESTRA, J.; MERCHÁN, J. M. **Cyberbullying**. International Journal of Psychology and Psychological Therapy. Universidade de Almería. Espanha. vol. 8, núm. 2, jun. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=56080204>. Acesso em 9 de set de 2021.

PEREIRA, G. R.; VARELA, C. M.; SILVEIRA, G. P. O fenômeno do bullying homofóbico nas instituições de ensino: o direito à igualdade sexual e o princípio da dignidade da pessoa humana. **Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação**. v.10, n. esp. 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8333>. Acesso em 14 de set de 2021.

PORFÍRIO, F. Modernidade líquida. **Rev. Mundo Educação**. Uol. 2020. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm>. Acesso em 22 de set de 2021.

QUEIRÓS, A. S. S. **BULLYING HOMOFÓBICO EM CONTEXTO ESCOLAR**. Universidade Porto. Lisboa, Portugal. 2018. 146 p. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117395/2/302391.pdf>. Acesso em 23 de set de 2021.

SCHREIBER, F. C. C.; ANTUNES, M. C. **Cyberbullying: do virtual ao psicológico**. Bol. Acad. Paulista de Psicologia, São Paulo. V. 35, no 88, p. 109-125. 2015.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.. pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil. 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: <http://www.abglit.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>. Acesso em 23 de set de 2016.

SILVA, L. O.; BORGES, B. S. **BULLYING NAS ESCOLAS**. Direito & Realidade. v.6, n.5. p.27-40. 2018. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/direito-realidade/article/download/1279/887>. Acesso em 18 de set de 2021.

SILVA, T. N. **BULLYING HOMOFÓBICO E EDUCAÇÃO: possibilidades de superação de um preconceito**. UCPEL. CCST. PPGPS. Pelotas. 2017. 172 p. Disponível em: https://pos.ucpel.edu.br/ppgps/wp-content/uploads/sites/5/2018/03/TOMAZ.SILVA_Bullying-Homof%C3%B3bico-e-Educa%C3%A7%C3%A3o-possibilidades-de-supera%C3%A7%C3%A3o-de-um-preconceito.pdf. Acesso em 24 de set de 2021.

SOUZA, G. R. et al. **A homofobia como uma das faces do bullying: análise em periódicos científicos da Educação Física**. Motrivivência, Florianópolis/SC. v. 30, n. 54, p. 245-262. jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n54p245>. Acesso em 13 de set de 2021.

SOUZA, J. M. **BULLYING: UMA DAS FACES DO PRECONCEITO HOMOFÓBICO ENTRE JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR**. UFSE. NPGPPS. São Cristóvão, Sergipe. 2013. 165 p. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6013/1/JACKELINE_MARIA_SOUZA.pdf. Acesso em 23 de set de 2021.

SOUZA, K.; CUNHA, M. X. C. IMPACTOS DO USO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. **Rev. Educação, Psicologia e Interfaces**. vol 3. n 3. pag. 204-217. set/dez. 2019. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/download/156/134>. Acesso em 23 de set de 2021.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, Mar. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 de abr de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meu honroso Pai, Júnior, que sempre buscou me incentivar aos estudos. Esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida, mas hoje se encontra na eternidade.

Agradeço a minha mãe Dalva, que sempre acreditou no meu potencial e nunca me deixou desistir diante das dificuldades.

A meus irmãos, avós, tios e tias que me ajudaram de todas as formas possíveis para que eu continuasse a graduação, e sempre me incentivaram para eu ser uma pessoa melhor.

Agradeço a todos os professores que mudaram minha trajetória de vida pessoal e acadêmica, em especial Sebastião, Cristiane, Jussara, Silvânia, Ana Paula e Jaqueline, acreditaram em mim quando eu mesma não acreditava. Foram essenciais para minha formação.

A todos aqueles que aguentaram minhas crises de ansiedade e meus momentos de tristeza. Em especial a minha namorada Rita, que esteve comigo durante todo o TCC, acreditou em mim e não soltou minha mão.

Agradeço a todos os meus amigos, que nunca me deixaram cair e sempre me mostraram do que sou capaz e do quão sou suficiente.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

Também agradeço a todos os meus colegas de curso, pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante estes anos.

Gratidão a todos.